



DOI: 10.14295/idonline.v19i78.4247

Artigo de Revisão

Representação da Figura Feminina em Filmes de Animação e Influências nos Papéis Sociais da Mulher

Bruna Catarina Pavani¹, Raphael dos Santos Teixeira²

Resumo: Os contos de fadas estão presentes no imaginário de diferentes gerações, influenciando percepções sobre os papéis sociais. Este manuscrito tem como objetivo identificar e analisar as representações femininas em filmes de animação da Disney ao longo das décadas, bem como suas influências nos papéis sociais atribuídos às mulheres. Para isso, foram analisados oito artigos científicos, além de obras de referência para análise e discussão. Os resultados evidenciam que as produções acompanharam transformações socioculturais: na década de 1940, prevalecia a imagem da mulher submissa; nos anos 1990, surgem personagens mais questionadoras; e, na contemporaneidade, destacam-se princesas em busca de autonomia e liberdade. Conclui-se que os avanços nas representações femininas foram significativos ao longo do tempo. Contudo, a mídia permanece como uma forte influenciadora dos padrões comportamentais socialmente esperados e, apesar das transformações, ainda se observam resquícios de padrões tradicionais sendo reforçados.

Palavras-Chave: Filmes cinematográficos; Feminismo; Gênero; Mulher; Princesas.

Representation of the Female Figure in Animated Films and Influences on Women's Social Roles

Abstract: Fairy tales are present in the imagination of different generations, influencing perceptions of social roles. This manuscript aims to identify and analyze female representations in Disney animated films over the decades, as well as their influence on the social roles assigned to women. To this end, eight scientific articles were analyzed, in addition to reference works for analysis and discussion. The results show that the productions followed sociocultural transformations: in the 1940s, the image of the submissive woman prevailed; in the 1990s, more questioning characters emerged; and, in contemporary times, princesses in search of autonomy and freedom stand out. It is concluded that advances in female representations have been significant over time. However, the media remains a strong influencer of socially expected

¹ Psicóloga. Especialista em Análise do Comportamento. Especialista em Sexologia. Centro de Saúde Integrado Pavani, Cabreúva, São Paulo, Brasil. E-mail: psicobrunapavani@gmail.com.

² Psicólogo. Mestre em Psicologia. Especialista em Sexologia. Instituto Paulista de Sexualidade, Perdizes, São Paulo, Brasil. E-mail: raphaelteixeira.psi@gmail.com.

behavioral patterns and, despite the transformations, remnants of traditional patterns are still being reinforced.

Keywords: Motion pictures; Feminism; Gender; Women; Princesses.

Introdução

Partindo do pressuposto de que crescemos e vivemos em uma sociedade que estereotipa os comportamentos femininos considerados aceitáveis, a mulher tem buscado, ao longo das gerações, se adequar a esses padrões e conquistar seu espaço no mundo. A estereotipação da mulher advém da cultura, que a pressiona a se enquadrar no mito que reduz o conceito de feminino a uma dicotomia entre beleza sem inteligência ou inteligência sem beleza (Wolf, 1992).

Estudos apontam que a mulher era vista como naturalmente frágil, submissa, doce, entre outras características. Aquelas que exibiam traços opostos a esses eram consideradas antinaturais, assim como o homem era percebido como trabalhador e provedor (Engel, 2004; Zanello, 2018). Dessa forma, depreende-se que a definição do que é ser mulher e ser homem é uma construção social presente no mundo em que vivemos. As representações do corpo feminino são moldadas por estereótipos predefinidos dentro de uma sociedade patriarcal (Tílio *et al.*, 2021).

De acordo com Silva (2015), ao longo das gerações, o papel da mulher foi se modificando. No início, sua participação era mais ampla do que se costuma pensar, não havia divisões rígidas de trabalho e a atuação da mulher era mais voltada para atividades que não exigiam esforços físicos excessivos. Por viverem em grupos, a divisão de trabalho não se baseava no gênero, nem as tarefas relacionadas à criação dos filhos, que eram desenvolvidas coletivamente pela comunidade.

Com o surgimento da agricultura e da pecuária, passou a existir uma divisão das tarefas por gênero. Além disso, a descoberta de que o homem era necessário para a fecundação e procriação resultou na perda do direito materno e no ganho do direito paterno. Antes, a filiação era certa em relação à mãe, e a comunidade auxiliava na criação. Após esse período, todo o poder passou a se concentrar nas mãos do homem, dando origem ao patriarcado (Carvalho *et al.*, 2008).

Ainda de acordo com Silva (2015), o patriarcado pode ser entendido como a submissão e subordinação total da mulher em níveis social, econômico e sexual, na qual, é tratada como uma extensão dos bens possuídos pelo homem. Consequentemente, houve mudanças na organização da vida feminina, que passou a ocupar espaços subordinados em relação aos homens, sujeitando-se a regras e normas impostas.

Segundo Saffioti (2015), o patriarcado caracteriza-se por uma estrutura hierárquica que coloca os homens em posição de maior poder em relação às mulheres, refletindo uma desigualdade social entre os gêneros. Um aspecto fundamental desse sistema consiste no controle sobre a sexualidade feminina, utilizado como meio para garantir a fidelidade da esposa ao marido (Saffioti, 2015).

Quando paramos para pensar em como os filmes retratam isso, ao assistir um filme, é possível perceber possíveis semelhanças na sociedade de acordo com o momento em que ele foi produzido (Mattos, 2015). As mídias podem ser consideradas os principais exemplos de tecnologia de gênero, termo que contempla os códigos linguísticos e representações culturais (Zanello, 2018). Ou seja, há uma situação de coação social que impõe determinadas performances de gênero, definindo o que se espera do homem e da mulher. Quando esses papéis não são cumpridos conforme o previsto, o indivíduo pode ser punido simbólica ou socialmente.

Os contos de fadas transmitiam valores sociais considerados fundamentais, sendo apresentados às crianças como modelos de conduta a serem seguidos, especialmente no que se refere aos papéis e comportamentos associados ao feminino (Maia *et al.*, 2020). A beleza das personagens representa um fator crucial para a garantia da felicidade e escolha para o casamento (Martins, 2016). Desde a infância, somos socialmente condicionados a idealizar o amor romântico como caminho inevitável para a felicidade (Lins, 2017).

Neste contexto, o conceito de feminilidade passa a ser associado à busca por um ideal inatingível de beleza, historicamente imposto às mulheres. Tal imposição gera obsessões por padrões estéticos considerados socialmente aceitos em cada época. Os atributos valorizados no comportamento feminino das mulheres tidas como belas correspondem, portanto, apenas àquilo que a sociedade do período determina como desejável (Wolf, 1992).

Este estudo visa identificar e analisar as representações femininas nos filmes da Disney ao longo das gerações e quais foram as suas influências no papel da mulher. Com isso, a pergunta de pesquisa foi: Os filmes da Disney influenciaram na representação do papel sobre ser mulher?

Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura. A revisão integrativa de literatura pode ser desenvolvida a partir de seis etapas, estabelecidas por Mendes, Silveira, e Galvão (2008), as quais compreende: 1) identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; 2) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos, além da busca na literatura; 3) definição das informações dos estudos selecionados; 4) avaliação dos estudos incluídos na revisão; 5) interpretação dos resultados, compreende a discussão; 6) síntese dos conhecimentos.

Os critérios de inclusão foram: artigos publicados em português, com os resumos disponíveis nas bases de dados selecionadas, sendo aceitos todos os tipos delineamentos metodológicos no período compreendido entre 2010 a 2024.

As buscas pelos materiais foram realizadas nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e *Periódicos Eletrônicos em Psicologia* (PEPSIC). Os descritores utilizados foram “Disney”, “Princesas” e “Feminismo”.

Foram encontrados oito artigos relacionados aos descritores definidos. Na busca inicial, consideraram-se o título, o resumo e as palavras-chave dos estudos identificados. Após esse levantamento bibliográfico preliminar, realizou-se uma leitura exploratória criteriosa, com o objetivo de obter uma visão ampla do material e verificar sua pertinência para a pesquisa. Em seguida, procedeu-se à leitura seletiva, com a finalidade de delimitar os artigos realmente relevantes. Os critérios de exclusão adotados foram: estudos que analisassem filmes que não envolvessem princesas da Disney; e artigos que abordassem o feminismo sem relação direta com essas personagens.

Os artigos selecionados foram interpretados e analisados de forma comparativa, a fim de evidenciar semelhanças e diferenças entre os autores e identificar possíveis influências das princesas na construção do conceito de feminino. Por fim, realizou-se uma leitura crítica e reflexiva, com o intuito de compreender, de maneira mais aprofundada, a influência da mídia na formação dos papéis sociais atribuídos às mulheres.

Resultados

No quadro 1, apresenta-se os autores, ano e título dos estudos selecionados para a coleta de dados.

Quadro 1. Informações de todos os artigos selecionados para análise desse trabalho

Ano	Título	Objetivo
2013	Feminismo e príncipes encantados: a representação nos filmes de princesa da Disney.	Analizar a representação do papel da mulher na sociedade e do que seria considerado uma “mulher ideal”, conforme observado nos chamados “filmes de princesa” dos estúdios de animação Walt Disney.
2015	Análise da evolução do estereótipo das princesas da Disney.	Compreender quais fatores, sociais e históricos, influenciaram na evolução no estereótipo das princesas da Disney.
2016	A representatividade do papel feminino nos desenhos infantis: de 1930 a 2015	Demonstrar como a mulher é representada nos desenhos infantis e supor qual é a influência para a formação feminina hoje em dia.
2017	Protagonismo feminino: influência dos filmes de princesa da Disney para uma educação feminista	Analizar como o feminismo e o gênero vem se construindo dentro dos filmes de princesas da Disney, quais são os comportamentos esperados dessas princesas, que estereótipos de beleza estão atrelados à figura das princesas e como elas influenciam na visão de mundo das crianças.
2018	A figura feminina nos filmes Disney: prática de representação identitária.	Caracterizar a prática de representação identitária da figura feminina nos filmes Disney, tentando estabelecer a relação entre a forma de vida feminina que circunscreve a nossa sociedade atual e a construção das personagens.
2018	A tradição dos contos de fada e a sobrevivência de matrizes culturais femininas nas narrativas cinematográficas infantis	Refletir acerca dos valores culturais que são continuamente reproduzidos pelas narrativas cinematográficas ao longo de gerações.
2019	“E foram empoderadas para sempre?”: uma análise semiolinguística da construção do <i>ethos</i> feminino nos filmes de princesas da Disney.	Verificar como é feita a construção do <i>ethos</i> feminino das protagonistas dos filmes “A pequena sereia” e “Moana - um mar de aventuras”, realizando uma análise comparativa, a fim de identificar se há diferenças e/ou semelhanças entre as duas personagens.
2020	Padrões de beleza, feminilidade e conjugalidade em princesas da Disney: uma análise de contingências.	Analizar e comparar as contingências relacionadas a figura da mulher em três personagens femininas (princesas) de três filmes da Disney de diferentes épocas: A Branca de Neve (1937), Mulan (1998) e Moana (2017).

Fonte: Autores (2025).

Era uma vez...

Com o objetivo de organizar as personagens analisadas, foi adotada uma categorização já utilizada na pesquisa de Breder (2013), na qual, classifica-se as princesas em: Clássicas, rebeldes e contemporâneas.

Quadro 2. Informações dos filmes das princesas clássicas

Princesa	Filme	Ano	Características
Branca de Neve	Branca de Neve e os sete anões	1937	Mulher dócil, delicada e submissa, valorizada por sua beleza, realiza as atividades domésticas por gostar, prestativa, cuidadora e em busca do verdadeiro amor como forma de salvação.
Cinderela	Cinderela	1950	Passiva, dócil e amável, realiza as atividades domésticas apenas por obrigação, é valorizada por sua beleza e o verdadeiro amor a resgata da madrasta.
Aurora	A bela adormecida	1959	Dócil, gentil e amável. Não realiza atividades domésticas, mas ainda espera encontrar seu verdadeiro amor. Também é salva pelo príncipe ao ser beijada para quebrar o feitiço.

Fonte: Autores (2025).

Quadro 3. Informações dos filmes das princesas rebeldes

Princesa	Filme	Ano	Características
Ariel	A pequena Sereia	1989	Mulher aventureira e questionadora, não aceita as ordens que recebe do pai e vai atrás do que deseja, porém, ainda fica sob controle da aprovação do pai para seu relacionamento amoroso. Apresenta características submissas quando troca sua voz por pernas para conhecer um príncipe.
Bela	A Bela e a Fera	1991	Mulher questionadora e que gosta de ler, o que na época, não era bem-visto. Se recusa ser maltratada, humilhada e controlada, demonstra uma figura mais corajosa quando troca de lugar com seu pai no castelo da Fera. No final, ainda apresenta características de ficar com o seu verdadeiro amor.
Jasmine	Aladdin	1992	Mulher corajosa, em busca de sua independência e sem receio de enfrentar seu pai ou quebrar padrões.

Pocahontas	Pocahontas	1995	Mulher corajosa, exploradora, preocupada com seus princípios.
Mulan	Mulan	1998	Mulher determinada, corajosa, em busca pela sua independência. No início do filme até retratam a ida de Mulan a casamenteira e o quanto ela não se encaixava nos padrões predeterminados. Ao longo do filme fica mais evidente essa quebra de padrões e busca pelos seus ideais.

Fonte: Autores (2025).

Quadro 4. Informações dos filmes das princesas contemporâneas

Princesa	Filme	Ano	Características
Tiana	A princesa e o Sapo	2009	Primeira princesa negra. Está em busca de sua independência e autonomia. Representa a mulher moderna que corre atrás de seus sonhos e não quer depender de ninguém. O amor romântico vai sendo desenvolvido ao longo do filme.
Mérida	Valente	2012	Mérida vem para quebrar o padrão de que princesas são delicadas. No filme mostra que desde criança ela gosta de arco e flecha e por mais que sua mãe tente encaixá-la numa posição de princesa frágil, ela não consegue. O amor no filme é representado pela relação da mãe e filha.
Anna e Elsa	Frozen	2013	Elsa é determinada, independente e focada no seu reino, em contrapartida, Anna se apresenta de forma mais frágil, dócil, inocente. No início do filme já há uma crítica a casamentos “a moda antiga”, quando Anna se apaixona por Hans e quer se casar e Elsa a proíbe. Ao longo do filme, fica claro que o foco está na relação de amor entre as irmãs e que o amor verdadeiro pode realmente salvar, mas não necessariamente vem de um amor romântico.
Moana	Moana	2016	Desde pequena Moana é incentivada pelo pai a liderar sua tribo. Moana se apresenta de forma determinada, focada, altruísta e em busca de solução de problemas para sua tribo.

Fonte: Autores (2025).

Discussão

Princesas clássicas (1937-1959)

As três primeiras princesas foram: Branca de neve (1937), Cinderela (1950) e Aurora (1959). Silva (2019) classifica essas princesas como mulheres “esposa-mãe-dona-de-casa”, com o objetivo de encontrar o amor verdadeiro. Ambas as princesas representam uma figura feminina dócil, gentil, simpática e passiva.

Moreira e Portela (2018) corroboram essa perspectiva ao destacarem que as principais características atribuídas às personagens femininas nos filmes são: quietude, elegância, graciosidade, romantismo, compaixão, gentileza e resiliência, ou seja, traços que compõem a figura clássica da "donzela em perigo". Esse padrão ainda se reflete na sociedade contemporânea, quando se espera, desde a infância, que meninas sejam dóceis e amáveis, enquanto meninos devem ser brutos e fortes. Esse padrão ainda é perceptível em nossa sociedade atual, na medida em que, desde cedo, espera-se que as meninas sejam dóceis e amáveis, enquanto os meninos devem ser brutos e fortes (Araújo, 2017).

Araújo (2017) analisa o padrão narrativo presente nas histórias de três princesas, evidenciando que todas estão à espera de uma salvação que lhes trará o tão desejado “final feliz”. No entanto, esse desfecho só é alcançado após um percurso árduo, que não pode ser trilhado de forma autônoma, pois a realização plena de suas jornadas depende diretamente da intervenção do príncipe encantado.

Princesas rebeldes (1989-1998)

As princesas rebeldes começam a sair do padrão da espera pelo amor verdadeiro e começam a entrar num padrão de ir contra as regras, busca pelo novo e independência. As princesas rebeldes são consideradas cinco princesas: A pequena sereia (1989), A bela e a fera (1991), Aladdin (1992), Pocahontas (1995) e Mulan (1998).

Uma das semelhanças vistas nos filmes analisados são: busca pelos seus objetivos, quebra de regras, o interesse amoroso é desenvolvido a partir de uma convivência. Moreira e Portela (2018) avaliam essas personagens como sendo mais ativas, determinadas, aventureiras e corajosas.

Princesas contemporâneas (2009-2016)

Essa é a classificação dada as princesas dos anos 2000. E aqui falaremos de: Tiana (2009), Mérida (2012), Anna e Elsa (2013) e Moana (2016).

Em todos esses filmes, é possível observar algumas semelhanças: nenhuma das protagonistas tem como objetivo central o amor romântico idealizado. Conforme apontam Moreira e Portela (2018), essas personagens passam a ser representadas com traços mais fortes, habilidosos e determinados, rompendo com o arquétipo da donzela em busca do príncipe encantado como símbolo do amor verdadeiro.

Silva (2019) corrobora quando menciona que estes filmes trazem a novidade de que o amor verdadeiro nem sempre é o amor romântico. Essas princesas buscam sua liberdade e independência. O século XX passou por grandes mudanças culturais e os filmes da Disney acompanharam essas mudanças. O século foi marcado por duas guerras mundiais, a crise de 1929, o golpe militar de 64 e o avanço do feminismo.

De acordo com Breder (2013), as mulheres britânicas conquistaram o direito ao voto em 1918, seguidas pelas norte-americanas. No Brasil, esse direito foi concedido em 1932; contudo, inicialmente, apenas as mulheres casadas com autorização do marido, bem como as viúvas ou divorciadas que comprovassem renda própria, estavam habilitadas a votar (Brasil, 2022). Castro (2016) menciona que, em 1937, foi elaborado no Brasil um projeto de ensino doméstico destinado a meninas de 12 a 18 anos, equivalente ao ensino médio. No mesmo ano, foi lançado o primeiro curta-metragem da Disney, Branca de Neve e os Sete Anões, em que a personagem principal se apresenta dócil, passiva e prestativa, apaixonando-se pelo príncipe mesmo sem conhecê-lo.

O mesmo padrão de comportamento pode ser observado em Cinderela (1950) e Aurora (1959). Contudo, enquanto Cinderela já demonstra incômodo com as tarefas domésticas, Aurora sequer é mostrada realizando essas atividades. Lopes (2015) justifica essa diferença pela promoção da mulher enquanto consumidora. Castro (2016) também destaca que, em 1945, muitas mulheres ingressaram no mercado de trabalho durante a Segunda Guerra Mundial, atuando como enfermeiras e na indústria, sendo esse período marcado como a entrada feminina nesse setor. No entanto, apesar dessa inserção, diversas tradições permaneceram intactas, especialmente a expectativa da construção de uma família exemplar, baseada no modelo

europeu. Wolf (1992) aponta que, entre 61% e 85% das mulheres “não queriam voltar para o trabalho doméstico depois da guerra” (p. 83).

O homem tinha o estereótipo de chefe de casa e a mulher de mãe, esposa e simpatia. Naquela época, o casamento arranjado já não era mais praticado com frequência; contudo, permanecia a necessidade da aprovação do parceiro escolhido pela mulher. Essa questão é retratada no filme *A Bela Adormecida*, quando Aurora fica frustrada ao descobrir que seu casamento já havia sido prometido a outra pessoa, apesar de ter conhecido Philip na floresta, situação que, para o contexto do filme, já não correspondia mais aos costumes da época.

Borges e Rodrigues (2018) complementam dizendo que houve um forte estímulo midiático para manter a relação da mulher associada à sua funcionalidade mantedora do lar, apesar das mudanças que já vinham acontecendo neste período. Em 1960, com a luta feminista, inicia-se novos questionamentos políticos e sobre a tradicionalidade (Borges; Rodrigues, 2018). No Brasil, em 1964, houve o golpe militar que durou 21 anos (1985) e as mulheres lutaram por igualdade e liberdade. E em 1977, a lei do divórcio, conforme Lei nº 6.515 (Brasil, 1977) é aprovada. Em 1985, temos a criação da primeira delegacia da mulher.

Como mencionado anteriormente, a Disney ficou décadas sem produzir novos filmes, e quando retomou a produção, já se encontrava em um contexto histórico diferente, refletido nas transformações das personagens, inclusive nas vestimentas que utilizavam (Borges; Rodrigues, 2018). Em meio à chamada segunda onda do feminismo, surge Ariel, em *A Pequena Sereia* (1989), uma personagem que desafia a autoridade paterna e persegue seus próprios objetivos.

Após 2 anos, lança *A bela e a fera* (1991), sucessivamente vem *Aladdin* (1992), *Pocahontas* (1995) e *Mulan* (1998) e é na década de 90 que a mulher começa a ser dona da sua própria vida. Lopes (2015) menciona que foi a época em que começou a ser prezado a felicidade individual, que desqualificava a visão antiga da mulher do lar, o que fez com que, a mulher passasse a ganhar maior visibilidade no mercado de trabalho e na política, lembrando que, em 1988, a Constituição Brasileira passou a reconhecer formalmente a igualdade entre mulheres e homens, representando um marco legal importante na luta pelos direitos de gênero.

Castro (2016) menciona que em 1990 é eleita a primeira senadora mulher, em 1996 é o congresso nacional inclui um sistema de cotas onde os partidos são obrigados a terem 20% de mulheres em suas chapas. A partir de 2000 a mulher conquista cada vez mais seus direitos, como por exemplo, em 2006, a Lei Maria da penha - Lei nº 11.340 (Brasil, 2006), em 2015 a

lei do feminicídio - Lei nº 13.104 (Brasil, 2015) e em 2018 a importunação sexual - Lei nº 13.718 (Brasil, 2018) passa a ser crime.

Em 2009, a Disney lança a princesa e o sapo, onde Tiana, a princesa não tem mais o sonho do príncipe encantado, mas sim de abrir seu restaurante, mesmo que ela fique com o príncipe neste filme, o foco maior está na sua independência e autonomia e a forma como o romance é vivenciado é diferente do que nas décadas anteriores. No filme da Frozen há uma crítica quando Anna se apaixona por Hans e diz a Elza que vai se casar e Elza a proíbe. E ao longo do filme, Anna descobre que Hans só estava interessado na sua herança e ao conhecer melhor Kristoff, eles passam a desenvolver uma relação mais saudável. O foco desse filme está na relação das irmãs e não na relação amorosa, assim como, no filme Moana, o foco está na protagonista auxiliar sua tribo nas suas questões, e não em uma questão romântica.

Lopes (2015) comenta a diferenças do comportamento estético ao longo dos filmes da Disney e como os estereótipos se mostram inacabados e em constante evolução. Nas princesas clássicas observamos algo mais tradicional, mas já nas princesas rebeldes começamos a ver uma diversidade, que enfraquece a uniformização pela estética, como um exemplo, o filme de Mulan, Pocahontas e Jasmine que inauguram a diversidade étnica, nas princesas contemporâneas também vemos essas mudanças, com a Tiana sendo a primeira princesa negra, Mérica com seus cabelos cacheados e ruivos.

Esses estereótipos e padrões do que é ser mulher sempre estiveram presentes na figura das princesas, mas, esquecemos que somos influenciados socialmente e podemos dizer que a mídia é uma ferramenta formadora de opinião, na qual, acabamos naturalizando ao ponto de não percebermos suas imposições e a forma como passamos a reproduzir isso no meio em que vivemos (Araújo, 2017). Maia *et al.* (2020) comenta que por conta da nossa sociedade patriarcal, os contos da Disney deixam claro que, a mulher só seria percebida caso tivesse beleza, a exemplo disso, podemos ver as rivalidades femininas nos filmes com a princesa e a madrasta/rainha má, onde a princesa sempre é bela e a madrasta/rainha má de uma beleza questionável. De forma geral, pode-se dizer que a beleza é um dos atributos mais valorizados nos filmes, sendo o padrão: um corpo branco e magro, mesmo que haja variações culturais e temporais.

Wolf (1992) destaca que, durante a expansão da participação feminina no mercado de trabalho, tanto homens quanto mulheres já estavam condicionados a perceber a beleza como uma espécie de capital social. Na década de 1980, essa valorização da aparência passou a ocupar

para as mulheres um papel equivalente ao do dinheiro para os homens, funcionando como uma forma de afirmação e defesa diante da competição relacionada à construção da masculinidade e da feminilidade. Além disso, Wolf ressalta que o mito da beleza promove a ideia de que as mulheres desconhecidas são inalcançáveis, enquanto a cultura da aparência estimula uma percepção de rivalidade entre elas, até que, eventualmente, se reconheçam como aliadas.

Com isso, Mattos (2015) menciona que os filmes reproduzem ideias da estrutura social e tais produtos se tornam mediadores entre o indivíduo que está em processo de formação, e a sociedade que está sendo constantemente formada pelo indivíduo. Com isso, a diferença das personagens das princesas clássicas para as contemporâneas se dá pelas representações comuns existentes na nossa sociedade.

Considerações finais

Verificou-se ao longo da pesquisa, que a mídia busca reproduzir questões sociais, retratando suas mudanças ao longo do tempo e a partir dela é possível perceber como a sociedade se organiza, sendo que, muitos conteúdos mostrados nos filmes têm como função a busca pelo reforço social e a evitação de punições, ou seja, é ditado o que tipo de comportamento que se espera.

Dessa forma, pode-se concluir que o objetivo desta pesquisa foi alcançado, uma vez que se evidenciam mudanças significativas nas representações femininas ao longo das décadas nos filmes analisados, refletindo as transformações sociais ocorridas nesse período. Essas mudanças são especialmente influenciadas pelas conquistas dos movimentos feministas.

Entretanto, apesar dos avanços, ainda hoje é imposto às mulheres o ideal de que seu “final feliz” depende de adequar-se a padrões de beleza e de ter um relacionamento amoroso. Portanto, torna-se fundamental que futuras pesquisas aprofundem a compreensão da relação entre as princesas da Disney e as narrativas de relacionamentos amorosos.

Referências

ARAÚJO, Patrícia Martins de. **Protagonismo Feminino:** Influências dos Filmes de Princesas da Disney para uma Educação Feminista. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Erechim, Erechim, 2017.

BORGES, H. P.; RODRIGUES, R. F. A tradição dos contos de fada e a sobrevivência de matrizes culturais femininas nas narrativas cinematográficas infantis. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 15, n. 3, p. 109–127, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2018v15n3p109>. Acesso em: 26 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1977.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Voto feminino no Brasil completa 90 anos. Brasília: TSE, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Fevereiro/voto-feminino-no-brasil-completa-90-anos>. Acesso em: 26 jul. 2025.

BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e princípios encantados:** a representação feminina nos filmes de princesa da Disney. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CARVALHO, Ana Maria Almeida et al. Mulheres e cuidado: bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural?. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 431-444, dez. 2008. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2008000300002>. Acesso em: 26 jul. 2025.

CASTRO, Jéssica Cristofoletti de. **A representatividade do papel feminino nos desenhos infantis:** de 1930 a 2015. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Pedagogia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2016.

ENGEL, Magali Gouveia. **Meretrizes e Doutores. Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890.** Brasiliense: Rio de Janeiro, 2004.

LINS, Regina Navarro. **Novas formas de amar.** Rio de Janeiro: Planeta do Brasil, 2017.

LOPES, Karine Elisa Luchtemberg dos Santos. **Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney.** Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Publicidade e Propaganda, Centro Universitário de Brasília Uniceub, Brasília, 2015.

MAIA, A. C. B. *et al.* Padrões de beleza, feminilidade e conjugabilidade em princesas da Disney: uma análise de contingências. **Diversidade e Educação**, v. 8, especial, p. 123–142, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/de.v8iespeciam.9812>. Acesso em: 26 jul. 2025.

MARTINS, M. C. “E a Bela dançou...”: subvertendo o belo feminino dos contos de fadas. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 1, p. 351–363, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p351>. Acesso em: 26 jul. 2025.

MATTOS, M. B. de. “Quando a imagem de quem sou vai se revelar”: estrutura social e individualidade nas princesas Disney. **Habitus**, v. 13, n. 2, p. 111-112, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11466/8416>. Acesso em: 26 jul. 2025.

MOREIRA, P. V.; PORTELA, J. C. A figura feminina nos filmes Disney: prática de representação identitária. **PERCURSOS LINGÜÍSTICOS**, v. 8, n. 18, p. 262–271, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/19215>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SAFFIOTI, Berenice. **Gênero, Patriarcado e Violência.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SILVA, A. D. Ser homem, ser mulher: as reflexões acerca do entendimento de gênero. In: **Mãe/mulher atrás das grades:** a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

SILVA, Janaina Rocha da. **“E foram empoderadas para sempre?”: uma análise semiolinguística da construção do ethos feminino nos filmes de princesas da Disney.** Dissertação (Mestrado), Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2019.

TILIO, R. D. *et al.* Corpo feminino e violência de gênero: uma análise do documentário “Chega de Fiu Fiu”. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, e228620, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33228620>. Acesso em: 26 jul. 2025.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetificação. Paraná: Appris, 2018.

Referências Filmografia

A BELA ADORMECIDA (Sleeping Beauty). Direção: Geronimi, C.; Clark, L.; Larson, E.; Reitherman, W. Produção: Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1950 (2008). 2 DVDs (75 minutos), NTSC, colorido.

A BELA E A FERA (Beauty and the Beast). Direção: Trousdale, G.; Wise, K. Produção: Hand, D. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1991 (2002). 2 DVDs (90 minutos), NTSC, colorido.

A PEQUENA SEREIA (The Little Mermaid). Direção: Clements, R.; Musker, J. Produção: Clements, R.; Musker, J. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1989 (2006). 1 DVD (82 minutos), NTSC, colorido.

A PRINCESA E O SAPO (The Princess and the Frog). Direção: Musker, J.; Clements, R. Produção: Del Vecho, P.; Lasseter, J. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2009. 1 DVD (97 minutos), NTSC, colorido.

ALADDIN (Aladdin). Direção: Musker, J.; Clements, R. Produção: Musker, J.; Clements, R. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1992 (2004). 1 DVD (90 minutos), NTSC, colorido.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (Snow White and the Seven Dwarves). Direção: Hand, D.; Cottrell, W.; Jackson, W.; Morey, L.; Pearce, P.; Sharpsteen, B. Produção: Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1937 (2001). 2 DVDs (83 minutos), NTSC, colorido.

CINDERELA (Cinderella). Direção: Geronimo, C.; Luske, H.; Jackson, W. Produção: Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1950 (2008). 1 DVD (75 minutos), NTSC, colorido.

FROZEN: UMA AVENTURA CONGELANTE (Frozen). Direção: Buck, C.; Lee, J. Produção: Del Vecho, P. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2013. 1 DVD (102 minutos), NTSC, colorido.

MOANA. Direção: Musker, J.; Clements, R. Produção: Shurer, O. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2017. 1 DVD (107 minutos), NTSC, colorido.

MULAN (Mulan). Direção: Bancroft, T.; Cook, B. Produção: Coats, P. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1998 (2004). 2 DVDs (87 minutos), NTSC, colorido.

POCAHONTAS (Pocahontas). Direção: Gabriel, M.; Goldberf, E. Produção: Pentescost, J. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1995 (2000). 1 DVD (81 minutos), NTSC, colorido.

VALENTE (Brave). Direção: Andrews, M.; Chapman, B. Produção: Sarafian, K. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2012. 1 DVD (93 minutos), NTSC, colorido.

●
Recebido: 26/07/2025; Aceito 12/08/2025; Publicado em: 31/10/2025.